

PROSADORES CEARENSES

ILDEFONSO ALBANO



No artigo "1603-1903", a propósito do Tricentenário do Ceará, escreveu Américo Barreira (Sênior):

"As famílias Castro, Feitosa, Pompeu, Nogueira, Sabóia, Monte, Alencar, Vieira, Pinto, Albano, Queiroz e tantas mais, que têm ilustrado o Ceará, terão, breve talvez, os seus cronistas."

Das famílias mencionadas pelo articulista, a Albano é das que mais têm contribuído para o realce do nome cearense. O seu fundador, Barão de Aratanha,

foi um benemérito. Dom Xisto Albano, filho do ilustre titular, foi um dos ornamentos do episcopado nacional. José Albano, neto e sobrinho dos recém-aludidos, é festejado como poeta de extraordinário valor. Ildefonso de Abreu Albano,

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

irmão do talentoso aedo, afirmou-se como homem de governo e de letras de atributos positivos incontestáveis.

Ildefonso Albano nasceu em Fortaleza, a 12 de fevereiro de 1885.

Era filho do alto comerciante José Albano Filho e de d. Maria de Abreu Albano.

Fêz os estudos primários e secundários em colégios da Áustria e da Grã-Bretanha.

Voltando ao Ceará, dedicou-se ao comércio, como gerente da firma Albano & Irmão, a afamada Casa Albano, fundada pelo seu avô e seu tio-avô Manoel Albano.

Ingressando na vida pública, exerceu, com probidade e incomum operosidade, os cargos de Prefeito Municipal de Fortaleza, Deputado Federal, Presidente do Estado, Adido Comercial do Brasil na República de Cuba, professor de língua inglesa do Colégio Pedro II, presidente do Conselho Nacional do Trabalho e diretor do Departamento Nacional de Indústria e de Comércio.

Como Prefeito Municipal, foi um reformador da cidade de Fortaleza e, como Presidente do Estado, um elemento propulsor do progresso do Ceará.

É sempre recordado o famoso manifesto que, no exercício do mandato de Presidente do Estado, dirigiu aos agricultores contrerâneos, solicitando-lhes que intensificassem o plantio do algodão em suas fazendas.

Apesar de sua formação cultural britânica, reintegrou-se na terra natal, sentindo-lhe os problemas e sôbre êles discorrendo em monografias especializadas. Quem sabe se não houve, a respeito da nova orientação, a influência do exemplo do notável primo, o "cearense porque quero" Rodolfo Teófilo?

Ildefonso Albano era um homem alto, belo, elegante e másculo. Possuía fulgurante inteligência e um caráter sem jaça. Dêle poderia ser dito, ainda, como o faria João Nogueira a propósito dos seus heróis: era valente como as armas.

O seu lema coincidia com o do Príncipe Perfeito, Dom Luís de Orleans e Bragança: "Estarei sempre pronto a trabalhar pela pátria estremecida."

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Ao deixar a suprema magistratura estadual, foi obrigado, por dificuldades econômicas, a exercer o emprêgo de caixeiro em uma casa comercial da antiga Capital da República.

O escritor, em Ildefonso Albano, foi uma conseqüência do seu ardente patriotismo. Ele escrevia para transmitir idéias úteis ao Brasil e ao Ceará. Assim ocorreu com "O Secular Problema do Nordeste", "A Pecuária no Ceará", "A Cultura do Algodão no Ceará" e "Jeca Tatu e Mané Chique-Chique", livros que lançou à publicidade. Em trabalhos menores, outro não terá sido o pensamento que o inspirou.

No brilhante discurso, proferido na sessão de 15 de outubro de 1917, na Câmara Federal, em defesa do Nordeste flagelado pela sêca, e no estudo sociológico "Jeca Tatu e Mané Chique-Chique", em que opôs ao tipo indolente criado por Monteiro Lobato o de um cearense vigoroso e destemido, são inúmeras as páginas de antologia.

O "Mané Chique-Chique", como salienta Francisco Alves de Andrade, é um grande livro. Nêle estão retratados, em prosa amena e fiel interpretação, os tipos humanos do Ceará, das praias e dos sertões, sempre valorosos. Vaqueiros, lavradores, jangadeiros, seringueiros e soldados são passados em revista. Os costumes seculares da gente sertaneja e a sua linguagem rude são descritos com exatidão impressionante.

Ildefonso Albano foi excelente intérprete da vida da nossa terra e bom prosador.

Faleceu o eminente homem público a 22 de dezembro de 1957, no Rio de Janeiro.

Na sua existência terrena, Ildefonso Albano, conforme testifica o autor de "Maria Rita", foi um incompreendido, embora houvesse merecido homenagem do respeitável Barão de Studart. É mister que, depois de morto, receba justiça dos historiadores políticos e a consagração dos cultores da história literária.

M. A. A.